

O lugar da intimidade nas práticas de sociabilidade dos jovens

The place of intimacy in the young's sociability practices

■ ROSALÍA WINOCUR *

RESUMO

Em termos de transcendência social, aquilo que não pode ser visto nos meios de comunicação ou que não se expressa no ambiente da rede *não existe*. Mas então o que ocorre com a intimidade dos jovens? Desaparece, transforma-se, ou muda de sentido? Nas condições de exibição total do *eu*, haveria algo que ainda pudesse ser considerado – de maneira individual ou compartilhado – um segredo, uma prática privada, um pensamento oculto, um momento de introspecção, um ato de pudor ou uma ação pecaminosa? Este artigo buscará refletir sobre o lugar que a intimidade ocupa (ou *des-ocupa*) nas práticas de sociabilidade dos jovens nas redes sociais.

Palavras-chave: Livros, mercado editorial, ficção, autor brasileiro

ABSTRACT

In terms of social transcendence, what cannot be seen in the media or uploaded to the Web does not exist. But what happens then with the young's intimacy? Does it disappear, transforms itself or changes its sense? In these conditions of total exhibition of the self, is there something that can still be considered – individually or shared with others – a secret, a private practice, a hidden thought, a moment of insight, a sinful action? This paper will reflect on the place that intimacy occupies or *un occupies* in the young's sociability practices.

Keywords: Youth, social network, intimacy, *public intimacy*, performance

* Doutora em Antropologia Social. Professora e pesquisadora no Departamento de Educação e Comunicação da Universidade Autônoma Metropolitana do México. E-mail: winocur@correo.xoc.uam.mx

“Não se poderia dizer que nossa experiência,
para se enraizar em nós, necessita se representar,
impor-se como espetáculo, para ser assumida como emoção?”
(Jean Duvignaud, 1970:11)

AS COMUNIDADES VIRTUAIS, as redes sociais online e o telefone celular têm se legitimado entre os jovens como as formas de inclusão social por excelência. O medo de ser excluído não é um traço distintivo dos jovens, mas, nesse caso, *ser ou não ser parte de algo*, assim como ser aceito ou rejeitado por *fazer ou não fazer parte disso*, é marca fundamental no processo de construção da identidade, tanto online como offline. Estar conectado implica essencialmente estar visível. A visibilidade é a garantia de inclusão em um mundo cuja representação passou do *palpável ao comunicável*. A chave que explica a transcendência em que se converteu o *estar visível* reside na ameaça da invisibilidade. Em termos de transcendência social, aquilo que não pode ser visto nos meios de comunicação ou que não se expressa no ambiente da rede *não existe*. A rede transformou o sentido de isolamento que correspondia à mitologia da ilha de Robison Crusoe. Os jovens continuam a temer a solidão, mas esse sentimento de estar à margem, isolado, já não é representado pela ausência de relações pessoais concretas, mas pelo fato de se estar desconectado. Mas então o que ocorre com a intimidade dos jovens? Desaparece, transforma-se, ou muda de sentido? Nas condições de exibição total do *eu*, haveria algo que ainda pudesse ser considerado – de maneira individual ou compartilhado – um segredo, uma prática privada, um pensamento oculto, um momento de introspecção, um ato de pudor ou uma ação pecaminosa? Este artigo buscará refletir sobre o lugar que a intimidade ocupa (ou *des-ocupa*) nas práticas de sociabilidade dos jovens nas redes sociais.

“INTIMIDADES PRIVADAS” E “INTIMIDADES PÚBLICAS”

É impossível falar em intimidade sem nos referirmos à sua contrapartida, a dimensão do público. Como bem assinala Arfuch (2005), essas duas categorias deixaram de representar universos separados e opostos, e suas fronteiras tornaram-se porosas e ambíguas muito antes da emergência da internet e das redes sociais, com a onipresença das telas de computador nos domicílios, a exibição da vida privada das celebridades na TV e a das pessoas comuns nos programas sentimentais e nos *reality shows*.

Ainda que a construção histórica da intimidade faça dela um território, um espaço delimitado, interior, contíguo ao corpo, à consciência, à casa, uma observação mais detida permite perceber sua ubiquidade, o caráter vago de seus limites, sua

intrínseca condição *comunicativa*. Da mesma forma que o público e o privado já não podem ser pensados como domínios autônomos com incumbências e sentimentos específicos, mas como espaços simbólicos mutuamente implicados, em constante interação – e interseção –, a intimidade, componente essencial do ‘privado’, parece tanger hoje um ponto extremo nos termos daquilo que Arendt assinalara como um paradoxo: não apenas a intimidade pode ser expressa em seus aspectos mais recônditos (exibição dos corpos, da afetividade, da sexualidade [...]), como também pode irromper no ‘altar’ do espaço doméstico por meio das telas (...), em uma tematização quase maníaca, do científico ao pornográfico – isto é, como intimidade pública –, e então como articulação lógica de ambos os espaços de sua consumação: o público – os públicos – e o privado (Arfuch, 2005: 261).

Não obstante, para os jovens o público e o privado-íntimo continuam a representar dois âmbitos distinguíveis na experiência cotidiana. Talvez tenham certa dificuldade em definir abstratamente o que significam um e outro espaço, mas são capazes de apresentar múltiplos exemplos biográficos do que ambos representam quando situados em cenários distintos de sua vida diária, em diferentes momentos de suas histórias. O termo *situados* adquire particular importância em seus relatos, uma vez que diz respeito ao tema que nos interessa, a intimidade *online*. Eles são categóricos ao afirmar que, em certas circunstâncias, que vão se alterando com a idade, as transformações subjetivas ou as diferentes formas de sociabilidade, algo que outrora tenha sido considerado íntimo pode se tornar público ou vice-versa. Da mesma forma, os jovens concordam, com ênfase distinta, com a ideia de que o universo da intimidade bifurca-se em três âmbitos: o de seus parceiros; o de seus quartos; e o de seus corpos e pensamentos. Em tal classificação, a *família-casa* passou a ter um *status* ambíguo, sendo às vezes considerada parte das relações íntimas, e outras vezes, como assinalaremos, vista como parte do público que rodeia esses jovens. Ao contrário, os pensamentos representam o núcleo duro da intimidade:

“Para mim, o fato de participar de todas as redes sociais não é sinal de estar visível; qualquer pessoa pode publicar sua vida na internet, de cabo a rabo, mas há algo que sempre permanecerá privado, que guardamos cuidadosamente e que desconfiamos em jogar na rede” (Malena, 29 anos, licenciada em comunicação).

Uma rápida olhada na página de qualquer jovem usuário médio de uma rede social evidencia que a percepção da maioria, de manter diversos âmbitos de sua intimidade fora do alcance do público, pareceria insustentável, uma vez que ali se encontram expostos – com intensidades e graus de audácia distintos – tudo o que *tradicionalmente* era considerado como pertencente ao reino da

1. Trata-se de um jogo de palavras proposto pela autora, para dar conta dos paradoxos dessa novidade, que consiste em expor a própria intimidade nas vitrines globais da rede.

2. Isso implica que uma etnografia da intimidade nas redes sociais não apenas deve se deter em suas manifestações mais evidentes (aquilo que se mostra), mas também nos significados que a experiência adquire para os sujeitos, recuperando as motivações que os fazem exibir algo, ou deixar de fazê-lo, para além do que sugerem suas ações dentro e fora da rede social.

intimidade. Entretanto, para entendermos o sentido dessa nova categoria de “intimidade pública” (Arfuch, 2005) ou de “extimidade”¹ (Sibilia, 2008: 16), que transcendeu o espaço dos grandes personagens do espetáculo e da política, não é suficiente repetir o óbvio, sendo necessário indagar o significado desse fenômeno aos jovens, a partir da experiência deles com os *blogs* e as redes sociais².

Ao interrogar os jovens, encontramos diferenças significativas sobre a representação da intimidade, não apenas individuais, mas também geracionais. A referida pesquisa acerca das representações de público e íntimo-privado realizou-se na Universidade Autônoma Metropolitana da Cidade do México, no princípio de 2007. A estratégia metodológica combinou uma entrevista em profundidade com relatos autobiográficos dos jovens sobre a experiência deles com a Internet, desde o início (durante o ensino fundamental ou médio) até a faculdade. Participaram do estudo, em todas as etapas, 40 jovens com idade entre 22 e 29 anos, de ambos os sexos. Todos eram estudantes dos últimos anos de cursos distintos, em universidades públicas. A maioria havia concluído os cursos dentro do tempo previsto pelos programas de formação. A variável *escolaridade dos pais* foi determinante para estabelecer a origem sócio-econômica das famílias. A maioria dos estudantes tinha pais com escolaridade primária, secundária e preparatória, cujos cargos eram, sobretudo, de operários, empregados domésticos, secretárias, motoristas, professores, costureiras, donas de casa e autônomos. O restante dos pais era composto por profissionais com estudo superior, que trabalhavam no setor público ou privado. 90% dos jovens viviam com seus pais no Distrito Federal ou no Estado do México; o restante dividia moradia com companheiros ou irmãos. A técnica do registro autobiográfico foi utilizada com meus alunos de comunicação, que participaram de forma ativa e entusiasta da pesquisa, compartilhando suas experiências e refletindo em conjunto sobre elas.

Vejamos alguns exemplos apresentados pelos entrevistados, universitários entre 22 e 29 anos, quando perguntamos a eles o que consideravam íntimo-privado e o que consideravam público na vida das pessoas. Uma classificação preliminar de suas respostas teria como síntese: *o íntimo é um lugar que eles reconhecem como particular, dentro ou fora de casa:*

O íntimo é o lugar onde você mora, são suas coisas pessoais. E o público também começa em casa, mas em lugares comuns a todos os habitantes dela, como a cozinha (Víctor, 25 anos, estudante de psicologia).

Sua casa seria um lugar íntimo, mas pode se tornar público, porque recebe gente que você não conhece...creio que [o íntimo] seja seu quarto, suas ideias (Alma, 22 anos, estudante de letras hispânicas).

Tal percepção é interessante porque além de estabelecer áreas de maior e menor intimidade dentro da própria casa e naquilo que diz respeito ao resto da família, reconhece o lar como um lugar já consolidado frente a estranhos. Ainda que os testemunhos não o expressem literalmente, poderíamos pensar que a sensação de estranhamento é produzida não tanto por aqueles que ocasionalmente chegam de visita, mas pelas telas eletrônicas e digitais. Nas opiniões destaca-se, por um lado, uma sensação de estranhamento dentro do próprio lar, marcada possivelmente pelas diferenças entre gerações; por outro, destaca-se a vinculação entre intimidade e sentimento de pertença, em que o íntimo estaria associado ao próprio, e o público, ao estranho. Essa forma de representação sobre o lugar ocupado pela intimidade no lar é propícia para introduzir uma reflexão mais geral sobre sua exibição nas redes sociais.

A experiência de entrarmos em contato com a própria intimidade e com as intimidades alheias se dá em vários âmbitos de exibição e de atuação, não discriminados, necessariamente, pelo que acontece dentro ou fora de casa ou pelo que se publica na rede ou fora dela – sabemos bem disso em vista da invasão da dimensão pública em nossas casas, através dos meios eletrônicos e da Internet. O rádio e a TV compartilham conosco as vidas privadas de políticos, empresários, atores e governantes, mas também de qualquer outra pessoa que poderia ser como nós, nos *reality shows*. Mas, sem irmos tão longe – mesmo porque nem todos os telespectadores têm a necessidade de controlar, dia e noite, a vida desses personagens trancados em um aquário de cristal –, a maioria de nós está obrigada a compartilhar da intimidade dos vizinhos, em vista do formato dos edifícios habitacionais, sobretudo durante o verão, de forma a nos interarmos de seus problemas e desavenças, dos ruídos que fazem no banho, dos gemidos quando fazem amor, assim como de suas preferências midiáticas no rádio ou na TV. De maneira semelhante, isso ocorre com as conversas domésticas cotidianas através dos celulares, nos escritórios, nos transportes, nas ruas e nos restaurantes. Além dessas conversações e barulhos de nossa vizinhança, aqueles produzidos por pessoas que se sentam ao nosso lado em um ônibus, por exemplo, geralmente não constituem objetos de nossa atenção, compondo o rumor de fundo com o ruído dos carros e o som do rádio do condutor. Em situações dessa ordem, tendemos a nos isolar em nossos pensamentos – último bastião da intimidade –, às vezes ajudados pela música que temos no celular ou no Ipod. “O transeunte está sempre ausente, com a cabeça noutro lugar, ou seja, no sentido literal da palavra, está em transe” (Delgado, 1999: 119). Minha hipótese é a de que algo similar ocorra nas redes sociais; de certa maneira, participamos de todas as conversas e eventos porque tudo isso está à disposição, mas a maioria não nos interessa – de nossas amplas listas de 300 ou 400 contatos,

só interagimos regularmente com aqueles 20 ou 25 que vemos todos os dias ou que são significativos para nós. Na coluna de publicações do Facebook, em que nossos *amigos* se expressam, vamos diretamente àquelas notícias que nos interessam. De resto, fazemos uma espécie de *zapping* com o mouse, apenas nos detendo fugazmente se encontrarmos algo que nos pareça novo ou impactante no estreito universo de nossos interesses, ou, ainda, se isso nos convocar à expressão de solidariedade, impelindo-nos à união momentânea com círculos mais próximos, a fim de nos tornarmos parte de algo que transcenda nossa rotina doméstica, social e profissional.

Pretendo enfatizar que, em seu uso habitual, as redes são profundamente familiares e autorreferentes e aquilo que aparentam transcender só interessa aos que compartilham códigos ou situações sociais fora desse ambiente – não importando a mais ninguém, ainda que possa ser visto por todos (da mesma forma que ocorre quando ouvimos conversas corriqueiras através de paredes de apartamentos ou de alguém que esteja a nosso lado no ônibus, sem prestar atenção ao que é dito).

Quando membros de uma família se comunicam pelo celular na rua, no supermercado, no ônibus, na fila do banco ou em uma rede social, mais do que um ato de privatização do espaço público, estão exercendo um ato de domesticidade. Ao atender o telefone ou escrever no mural de algum familiar, desconectam-se dos olhares exteriores, ligando-se ao espaço da família ou do casal:

Não é que não me importe de que os outros escutem (...), você se sente em sua bolha (...), parece que ninguém entende que você não está sozinha com seu telefone, está com outras pessoas (...) a ideia de que você esteja com mais gente, mas que, quando toca o celular, você as elimine, é muito louca (Alejandra, 20 anos, estudante de enfermagem).

Segundo nossos entrevistados, não parece haver nenhuma preocupação em vista de quem escuta a conversa, nem da opinião formada a partir dela em espaços *anônimos* como os do ônibus, do restaurante, do supermercado ou da rede social, porque, na verdade, os jovens *estão em casa*. Os demais, por seu turno, na realidade não os escutam. A conversa do outro torna-se familiar e distante ao mesmo tempo. Familiar porque reconhecem nela as mesmas rotinas e preocupações de suas vidas cotidianas; distante porque essas rotinas e preocupações não são as suas – eles não se sentem interessados ou implicados no que é dito. Só prestamos atenção às conversas alheias quando adquirem um tom violento ou demasiadamente íntimo, mas ainda assim elas não escapam à lógica da própria comunicação doméstica familiar, porque essas brigas ou sussurros de desconhecidos, no metrô ou no ônibus, com suas famílias ou

parceiros, por celulares ou redes sociais, produzem em nós a mesma inquietação que produziriam em casa (Winocur, 2009).

No caso específico dos jovens, ainda que tenham amplo acesso ao universo global de aplicativos multimidiáticos, explorações virtuais e jogos online, isso não os torna necessariamente mais cosmopolitas. A maioria de suas redes adquire um caráter francamente endógeno. Quase todas as relações que mantêm cotidianamente, pela internet ou pelo celular, se dão com pessoas conhecidas, com quem têm ou tiveram um contato diário ou esporádico fora da rede, ou ainda com *conhecidos de conhecidos*. Recebem visitas e solicitações de amizade referidas por alguém que conhecem – e ainda que provavelmente nunca cheguem a se encontrar fora da rede, fazem parte do mesmo circuito referencial de familiares e amigos:

Formam-se grupos de pessoas com as mesmas afinidades, é divertido...mas depois de certo tempo, o resultado é que nossos mesmos amigos são amigos de outros que também são nossos amigos – e aí você pensa que talvez o universo tenha pouca gente e que é por isso que há tanta coincidência, mas não é assim. Simplesmente os gostos e os tipos de personalidade determinam que todos façam parte do mesmo grupo e, aí sim, todos passamos a coincidir nos mesmos interesses. No princípio, imaginava que era como se todos tivéssemos ido a uma mesma festa, convidados por uma pessoa que nos conhecia muito bem e que nos tinha reunido porque sabia que éramos muito parecidos. Na verdade, sempre terminamos sendo os mesmos amigos, talvez porque gostamos muito de cinema, ou curtimos a mesma música, ou somos bissexuais, ou gostamos de teatro, ou temos os mesmos desequilíbrios mentais e nos compreendemos, não sei... mas somos sempre o mesmo grupinho de amigos web: Distrito Federal, Guanajuato, Cidade Juárez, Argentina, Espanha. Às vezes chega algum outro, mas sempre dura pouco (Gabi, 26 anos, vendedora em uma loja de arte).

Dessa maneira, se a intimidade que se exhibe, na maior parte dos casos, é da alçada de alguns poucos que a compartilham fora da rede – resultando indiferente ao restante –, cabe perguntar-nos em que sentido ela deixou de ser parte da intimidade pessoal e familiar.

Uma segunda classificação das respostas de nossos informantes poderia ser expressa em: *o íntimo não está radicado em nenhum lugar ou tempo especial; a decisão de comunicar ou não o que se sente pode ser tomada a qualquer momento:*

Creio que o público seja tudo aquilo que se quer deixar ver, e o privado, o contrário, não? Mas isso depende de cada pessoa (Ana Cecília, 20 anos, estudante de medicina).

As coisas públicas são aquelas que uma pessoa quer difundir. (...) E as íntimas, aquelas que não quer dizer; creio que poderia não querer dizer sua idade, omitir sua profissão, não querer dar explicações (Alma, 22 anos, estudante de letras hispânicas). Creio que as coisas públicas, nas vidas das pessoas, sejam aquelas que essa pessoa esteja disposta a contar, dar a conhecer. As coisas íntimas são aquelas que ou não se quer dizer ou não se quer que os outros saibam. Creio que seja essa a diferença, uma questão de vontade (Loana, 23 anos, estudante de desenho).

Este segundo grupo de respostas é bastante sintomático do lugar que o *íntimo privado* ora ocupa frente ao *íntimo público*. A intimidade, em parte, se separou física e simbolicamente de seus referentes históricos – a casa, o corpo, a sexualidade e a família – e, respondendo à sua própria historicidade, converteu-se em uma multiplicidade de relatos, sobre os quais os sujeitos têm de exercer um processo de reflexividade constante para decidir a cada momento o que querem comunicar, o destinatário da mensagem e as testemunhas dessa comunicação em um espaço autobiográfico que se constitui fundamentalmente no discurso. Entendemos o espaço autobiográfico no sentido de Arfuch (2002), como a multiplicidade e a hibridização de textualidades que caracterizam a cultura contemporânea, em que o vivido, a própria experiência, constituem um valor privilegiado. O espaço biográfico, assim, não só alimenta a exaltação narcisista ou a invasão da privacidade, mas opera na “identificação especular, na ordenação narrativa e ética da própria vida, na conformação de hábitos, sentimentos e práticas constitutivas da ordem social” (ibid.). E o autobiográfico, seguindo seu raciocínio, é um umbral em que, no cruzamento entre o público e o privado, são construídas *narrativas identitárias*.

A última frase do testemunho de Loana é bastante ilustrativa acerca da reflexividade que caracteriza os novos discursos sobre a intimidade: “Creio que seja essa a diferença, uma questão de vontade”. A intimidade, nesse sentido, já não pode ser dada como algo acabado, já não constitui os *como se* da vida cotidiana, é algo que *voluntariamente* deve ser construído, que requer uma quantidade considerável de energia. Uma sólida porta de madeira fechada, em uma casa ou em um quarto, era um sinal claro de que *aqui começa a intimidade de meu espaço ou de minha pessoa*. Entretanto, as múltiplas portas e janelas virtuais à nossa disposição tornam mais vulneráveis os cadeados de nossas intimidades, já que temos menos controle sobre a privacidade daquilo que ali trancafiemos, o que nos obriga a decidir permanentemente o momento de estarmos visíveis e o de não estarmos – e, em consequência, a construir ou utilizar as diversas linguagens disponíveis na rede para destacar nossos estados anímicos e a disponibilidade de interatuar.

Um terceiro grupo de respostas alude ao estatuto de que *o íntimo é aquilo que não se pode comunicar porque será objeto de estigmatização e acarretará sofrimento*:

Creio que as coisas privadas sejam as relações de casal... também me vem à mente que tudo o que é privado são aquelas coisas que a sociedade de algum modo estigmatiza, né? As preferências sexuais, talvez... bem, agora já nem tanto... mas creio que, no geral, a sociedade ainda faça isso (Galileo, 22 anos, estudante de medicina). Os segredos mais profundos e íntimos – salvo evidentemente exceções – não são minimamente expostos (ou, em alguns casos, são expostos de forma abstrata) nas redes sociais. Em vista disso, e para responder a sua pergunta, a intimidade se segmentou de uma maneira que a polariza ao extremo, deixando em um lugar muito profundo aquele segredo que dificilmente será revelado (e onde é melhor seguir invisível), mas ao mesmo tempo compartilhando aquilo que era mais complexo exteriorizar, que é aquilo com que alguém deseja se tornar visível (Armando, 29 anos, licenciado em comunicação).

Aqui o íntimo aparece como os segredos inconfessáveis ou os sofrimentos incomunicáveis devido ao temor em relação ao desprezo, ao escárnio ou à estigmatização. Isso, de certa maneira, define bastante a intimidade entre os adolescentes. A intimidade, no sentido daquilo que não é comunicável na rede, não é ocultar que alguém *gosta de alguém, foi infiel a outro, ficou bêbado em uma festa* ou falou mal de um colega ou professor no regresso da escola, mas diz respeito a outros tipos de assunto que a maioria evita cuidadosamente mostrar na rede social. Questões penosas, que geralmente causam muito sofrimento, como brigas com os pais ou conflitos familiares; complexos de inferioridade (aquilo de que os jovens não gostam ou de que sentem vergonha em si mesmos); sentimentos de exclusão (sentir que ficaram fora de algo ou que não foram levados em conta em algum movimento ou atividade); e as fantasias sexuais. Na maioria dos casos, esses assuntos não são matéria de intercâmbio cotidiano de jovens e adolescentes nas redes sociais.

Em vista disso, dificilmente encontramos um vídeo de uma discussão ou um confronto familiar, descrições de cenas de violência doméstica, fotografias que denigram algum membro da família, confissão de algum complexo, sentimento de exclusão, fantasia homossexual ou sofrimento físico ou psíquico. No mais, aparecem pequenos comentários como “estou farto de viver em minha casa”. Ou como publicou a filha adolescente de Madonna, no Twitter: “oh, não, minha mãe está dançando de novo, que vergonha”. No seguinte exemplo de uma adolescente de 16 anos, muito popular em sua escola e que faz uso intensivo do Facebook, do Twitter e do telefone celular, podemos apreciar quais são

3. Este testemunho e os seguintes foram obtidos nas redes sociais e correspondem a uma pesquisa em andamento sobre como se constroem, validam-se e ressignificam-se novas e velhas formas de sociabilidade entre os jovens no circuito online – offline.

claramente os âmbitos de sua intimidade que ela considera que não devem ser publicados em seu mural³.

No geral tudo depende de com qual de seus amigos você está falando. Claro que você não conta tudo a alguns, mas o mais comum é: o que fez nos últimos dias, namoros, *ficadas*, qualificações, coisas que acontecem em festas. A seus amigos mais próximos, você conta de quem gosta, se tem problemas familiares... mas isso em geral você fala a uma única pessoa, em quem tenha muita confiança. (...) Isso se fala em privado, ou seja, esse tipo de assunto você nunca coloca no perfil de uma pessoa no Facebook, pois são coisas geralmente mais sérias, que não são para que todos se interessem e deem sua opinião. A antipatia em relação a certas pessoas também é muito comentada entre seus melhores amigos, mas quando se trata de algum familiar, não se publica tanto, a menos que não seja algo muito sério. (...) Face a face, o que também é comum, você conta coisas a seus amigos, normalmente na escola ou quando vão tomar um café, mas, também nesse caso, é muito mais frequente que isso ocorra apenas com seus amigos mais chegados (Sara, 16 anos, estudante do preparatório).

Um quarto grupo de respostas alude ao *íntimo como o lugar que pode ser invadido ou violado por outros, independentemente do fato desse lugar estar visível a todos*:

Creio que as coisas públicas já sejam todas as coisas. As pessoas se chateiam muito quando têm sua intimidade violada ou invadida, mas, ao mesmo tempo, elas sempre gostam de se exhibir. Isso é visto, por exemplo, nas páginas da Internet ou na vida cotidiana; elas gostam de ser públicas, de ser reconhecidas. Muitas coisas já são públicas: a vida das pessoas, seu trabalho (Idalia, 22 anos, estudante de psicologia).

Pelo menos em meu caso, me senti desnudada, senti que havia sido despojada da possibilidade de ser sujeito para ser objeto. Digo dessa maneira porque uma pessoa me privou da liberdade de ter minha própria intimidade invadindo meu Facebook; nesses momentos você se pergunta se é realmente necessário estar nessas redes (Andrea, 24 anos, estudante de comunicação).

Para situar o fenômeno da *intimidade pública* em sua exata dimensão, é necessário proceder a um olhar mais cuidadoso dos perfis do Facebook. Percebemos então que os jovens e adolescentes não exibem fotos de nudez ou postam vídeos de sexo explícito, nem fazem revelações sobre sua sexualidade, mas publicam imagens e comentários de pequenos episódios cotidianos sobre sua sociabilidade dentro e fora do espaço escolar, em que se destacam as atividades do fim de semana. Tais comentários têm por objetivo denotar os

acontecimentos significativos para o grupo que os compartilha – e que ocorreram principalmente na escola, no recreio, nos passeios, nas festas, nas reuniões e nas discotecas.

Da mesma forma, todos os entrevistados entre 25 e 30 anos disseram ter superado uma necessidade compulsiva de se exibir conforme foram amadurecendo e qualificam esse comportamento de seus congêneres como tipicamente adolescente e arriscado. Aos olhos desses jovens *maduros*, os adolescentes – e os jovens que seguem se comportando como tais – assumem riscos desnecessários quando expõem sua sexualidade, vícios e conflitos com autoridades, o que pode fazer deles objetos de estigmatização entre seus pares ou de discriminação, por exemplo, na hora de procurar trabalho, pois sabem que muitas empresas assumiram como prática rotineira a observação do comportamento dos candidatos via redes sociais.

Por último, é necessário destacar que, no que diz respeito àquilo que se mostra nas redes sociais, nem todas as intimidades têm o mesmo valor nem são objeto do mesmo grau de atenção e interesse. Existem *intimidades de primeira classe* e *intimidades de segunda classe*. Algumas passam absolutamente despercebidas, ainda que sejam exibidas explicitamente, enquanto outras, ao mínimo gesto, suscitam a curiosidade de todo o mundo. Ainda que as redes se mostrem mais flexíveis em seus mecanismos de inclusão social, tendem a reproduzir as desigualdades que se dão fora da rede. Se alguém é muito popular nesse ambiente, igualmente o é na rede; se alguém é invisível no mundo offline, o mais provável é que também o seja online. Isso porque a rede social é uma extensão da sociabilidade no mundo real. Por mais amigos que possam aparecer na lista de contatos de um jovem, a maior interação – e a mais regular e constante – se dá em relação àqueles que são vistos todos os dias na escola ou em lugares onde ele circula habitualmente.

Um último grupo de respostas alude à exibição da intimidade como *performance ou produção de si mesmo*. Nesse sentido, o público representa aquilo que se deseja que os outros saibam, as aparências ou atuações mostradas aos demais; e o íntimo é o que está por trás do aparente, os verdadeiros motivos ou intenções das atuações:

O público seria o fato de você ter um namorado e todo mundo saber disso; te veem com ele, vocês andam de mãos dadas, se beijam, vão ao cinema juntos e com os amigos e trá, lá, lá, né? Então de repente as pessoas te veem feliz ou mesmo te veem chateada e especulam... Mas eles não têm por que saber se você está bem ou se por detrás de uma felicidade aparente há outra coisa...ou melhor, se você tem problemas com seu parceiro, nem todo mundo deve saber disso. Então é uma coisa muito íntima, creio que se aplique no geral (Larissa, 25 anos, estudante de biologia).

O que as práticas e representações dos jovens na rede social sugerem é que a intimidade, mais do que desaparecer, sofreu uma transformação em termos de sentido. Uma dessas mudanças se expressa no desdobramento de sua natureza em uma “intimidade pública” (Arfuch, 2002) e em outra privada, donde os mesmo atos podem ser objeto e expressão de ambos os tipos de intimidade, mantendo-se meticulosamente separados em determinadas circunstâncias, e confundindo-se noutras. Quando ocorre a exibição descorporificada do que tradicionalmente considerávamos parte do reino da intimidade, o que observamos na realidade é um ato de produção do *si mesmo*, em que o sujeito, tendo como material sua própria intimidade – real ou simulada –, monta uma performance que não tem por objetivo mostrar sua intimidade, mas produzir, com ela, um impacto de atenção em seu público.

A performance também é um lugar interior, inventado por cada um de nós, de acordo com nossas aspirações políticas e necessidades espirituais mais profundas; nossos desejos e obsessões sexuais mais obscuros; nossas lembranças mais perturbadoras e nossa busca inexorável por liberdade. No momento em que termino este parágrafo, mordo a própria língua ao me descobrir demasiadamente romântico. Sangra. É sangue real. Meu público se preocupa (Gomes Peña, 2005:204).

Quando um jovem mostra uma foto sua no Facebook, sentado no vaso sanitário, sem roupa ou sugerindo um ato de homossexualidade, não está necessariamente expondo sua intimidade, mas *fazendo dela uma performance*, o que é muito diferente. Trata-se de uma intervenção calculada no espaço público virtual, cujas circunstâncias são cuidadosamente preparadas. Esse material é tomado do repertório íntimo das cenas privadas desse jovem, e a composição está inspirada nas múltiplas narrativas que ele consome na Internet e nos meios eletrônicos. Trata-se de uma produção de si mesmo em que o mais importante é a “verossimilhança do personagem” (Mayans, 2002: 193).

Como bem observa Cabrera Paz (2009), as fotos que se publicam, exibem-se e compartilham-se na rede perderam toda a *solenidade*, não estão posadas, os enquadramentos são descuidados, assim como a iluminação. Não obstante, essas fotografias têm uma grande eficácia para comunicar o sentido social dos personagens e as situações compartilhadas:

Os jovens, novos herdeiros da imagem pública, acumularam o saber social midiático de quanto e de como uma foto deve comunicar, de quem são e de que *status* têm. Nas composições fotográficas, não é difícil apreender o grupo social que o usuário quer comunicar, seu estatuto, seus consumos, suas aspirações sobre como quer ser reconhecido socialmente (2009: 270).

Na realidade, cada um se mostra como quer ser visto por seus próprios olhos. O processo de criação de um personagem para interatuar na rede é profundamente egocêntrico; para existir, não requer confirmação ou negação dos demais – requer apenas ser visto.

Diferentemente do que se pensa, quanto mais audaz for o ato de exibição, mais elaborado e preparado tenderá a ser. O que se escreve ou o que se mostra não é produto de um ato espontâneo e irrefletido, mas que demanda, a cada momento, projetar a quem será dirigido, quem serão as testemunhas e que efeitos poderá causar.

Ultimamente tenho usado muito mais o Twitter que o Facebook, em que o assunto é um pouco mais interessante, porque a pessoa tem de publicar o que sente, crê, faz (as intimidades, digamos), mas de maneira engenhosa, mais pensada (...), muita gente, se está triste, posta 'estou triste', mas essa é uma maneira inexpressiva. Acho que o ideal (ou pelo menos o que requer mais esforço) seria algo como "dia de cão, pelo menos me salvei das pulgas", alguma coisa mais elaborada (...). Compartilho muitas intimidades, mas de maneiras mais sutis, tento que elas sejam engenhosas e não descrevam exatamente o que aconteceu. Por exemplo, se brigasse com Jorge um dia, poria qualquer coisa como: 'olha que é verdade essa história de que todos os homens são iguais – iguais no descaramento!'. Isso seria se eu estivesse realmente irada, mas NUNCA colocaria algo como 'briguei com Jorge, ele é um idiota' (Valentina, 19 anos, estudante de sociologia).

Exibir-se e praticar o *voyeurismo* fazem parte do jogo e, à diferença do que ocorre no mundo offline, são comportamentos completamente aceitos porque garantem a condição de visibilidade quando o *voyeur* não se excede no intento de *passar ao outro lado do espelho, hackeando* uma conta ou deixando comentários ofensivos em um mural, por exemplo – é nesse momento que se sente a intimidade vulnerada: não quando ela é exibida, mas quando é profanada.

CONCLUSÃO

Preocupa-me a facilidade com que certas interpretações sobre as transformações nos espaços público e privado são tidas como certas para ilustrar as mudanças na sociedade contemporânea sem que isso tenha como correlato a indagação da perspectiva dos sujeitos sobre o que se passa com sua intimidade – não com o ímpeto de desmentir a evidência dessas mudanças, mas para aprofundá-las segundo a dimensão simbólica e subjetiva. Creio que exista uma sobredeterminação interpretativa acerca do comportamento visível dos sujeitos, mais precisamente em relação àqueles que aparentemente expõem todos os rincões de sua intimidade na Internet, o que leva a ignorar o modo como eles

construíram subjetivamente esse ato e como se autorrepresentam nos termos da mesma intimidade. Os sujeitos reconhecem que têm necessidade de *se mostrar* na rede, mas na maioria dos casos não concordam que isso signifique exibir ou violentar sua intimidade. Na percepção de nossos entrevistados, sentem que controlam a própria intimidade, enquanto ninguém transpuser seus limites, ou seja, enquanto ninguém tentar atravessar a parede transparente que os separam da intimidade do outro. Com isso, concluo que *o desejo de comunicar-se é muito mais forte do que o de mostrar-se*, e que ao se mostrar, os jovens não estão necessariamente desnudando sua intimidade, mas produzindo um ato performático com o objetivo de estar visível nos espaços onde ocorre sua sociabilidade – tanto online como offline –, que constituem cenários-chave de entretenimento e dramatização das novas formas de inclusão social.

A compulsão à visibilidade também obedece, em muitos casos, a uma profunda necessidade de chamar a atenção sobre algo que muitas vezes não está claro para eles, mas que pode ser dramaticamente expressivo de seus desejos mais reprimidos ou de seus sofrimentos mais ocultos. Isso nos permitiria supor que a exibição explícita do sofrimento em muitas de suas manifestações não formam parte substancial da intimidade pública nas redes. Isso não quer dizer que, se algum membro da tribo sofrer uma perda, ou ficar doente, o fato não será objeto de uma atuação que, certamente, gerará toda sorte de solidariedade e compaixão. Mas sabemos que existem sofrimentos legítimos e ilegítimos e também que a exibição de alguns deles engrandece o sujeito, transformando-o em herói ou heroína – assim como a exposição de outros tipos de sofrimento torna a pessoa objeto de escárnio e agressões que se estendem além da rede, ou o inverso: originam-se fora da rede e se reproduzem no interior dela.

O segundo ponto que gostaria de destacar é que, nessas novas *condições de produção do eu*, em que todos têm a possibilidade de transcender publicamente, o exercício da intimidade se converteu em um ato de natureza profundamente reflexiva, não apenas porque produzimos *performances* destinadas a alimentar nossa *intimidade pública*, mas também porque, à diferença do que ocorria anteriormente (em que certos espaços e tempos nos indicavam onde começava e terminava o reino da intimidade – como as portas da casa ou a noite e o dia – perderam muito da eficácia simbólica para demarcar as fronteiras), como parte de nosso processo de individuação, também devemos tomar decisões e fazer-nos responsáveis a todo instante sobre o que é comunicável e, no caso de nossa intimidade (ao menos em um sentido manifesto), com quem compartilhá-la, em que momentos e em que espaços reais ou virtuais.

Finalmente, parece sugestiva a interpretação de Arfuch sobre o fenômeno crescente da exibição da vida privada em todos os canais midiáticos e virtuais:

Não é então uma hipotética *summa* de histórias individuais que vêm se apartando há mais de dois séculos sob a luz inquisidora do público – talvez as histórias de vida sejam hoje bastiões de resistência ante o crescente poder decisivo das estatísticas –, mas uma substituição perpétua entre dois termos, apenas em certo sentido contrapostos: *diferença e repetição*. Diferença como valor de resgate em uma sociedade em que o trabalho de reprodução converteu-se na atividade principal e em que a uniformização cobre todos os aspectos possíveis do ser e do fazer humanos. É a unicidade de cada vida que alimenta nos relatos a certeza – necessária – da singularidade. Repetição como um espelho tranquilizador que nos restitui, para além da atuação individual, do êxito ou do fracasso, a mesma história: aquela que pode nos permitir a inclusão – a ilusão – de um ‘nós’. Nessa oscilação se projeta também o dilema, a tensão irresoluta entre a utopia das vidas desejáveis e daquelas verdadeiramente existentes. (2002: 255). **M**

REFERÊNCIAS

- ARFUCH, Leonor. *El espacio biográfico. Dilemas de la subjetividad contemporánea*. FCE, Buenos Aires, 2002.
- _____. Cronotopías de la intimidad. In: Leonor Arfuch (compiladora) *Pensar este tiempo. Espacios, afectos, pertenencias*. Editorial Paidós, Buenos Aires, 2005.
- CABRERA PAZ, José. Convergencia tecnocultural: todo quiere ser dicho, todo quiere ser visto. In: Miguel Angel Aguilar, Eduardo Nivón, María Ana Portal, Rosalía Winocur (coordinadores). *Pensar lo contemporáneo: de la cultura situada a la convergencia tecnológica*, Anthropos/UAM I., Barcelona, 2009.
- DELGADO, Manuel. *El animal público*. Edit. Anagrama, Barcelona, 1999.
- DUVIGNAUD, Jean. *Espectáculo y Sociedad. Del teatro griego al happening: función de lo imaginario en la sociedad*. Editorial Tiempo Nuevo, Caracas, 1970.
- GOMEZ-PENA, Guillermo. En defensa del arte del performance. *Horizontes Antropológicos*. Vol 11, Nº 24, Porto Alegre, 2005.
- MAYANS, J. *Género Chat. O cómo la etnografía puso en pie en el ciberespacio*. Gedisa, 2002.
- SIBILIA, Paula. *La intimidad como espectáculo*, FCE, Buenos Aires, 2008.
- WINOCUR, Rosalía. *Robinson Crusoe ya tiene celular. La conexión como espacio de control de la incertidumbre*. Siglo XXI editores, México, 2009.

Endereço eletrônico

- GOMEZ-PENA, Guillermo. En defensa del arte del performance. *Horiz. antropol.* [online]. 2005, vol.11, n.24, pp. 199-226. ISSN 0104-7183. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v11n24/a10v1124.pdf>>.

ARTIGO TRADUZIDO POR MARIANA DUCCINI

Artigo recebido em 20 de agosto de 2011 e aprovado em 24 de setembro de 2011.